

PAULA MOURA PINHEIRO

Isabel Lousada e Maria João Cantinho

Paula Moura Pinheiro é a emblemática Face de Eva com que nos deparamos semanalmente, ao domingo, no grande ecrã em *Câmara Clara*. Foi a filha, a neta e a sobrinha mais velha e nasceu quando a sua mãe se encontrava a meio do curso de Direito, em Coimbra. Um caso atípico, no início dos anos sessenta. Desde logo uma figura se destaca nos seus relatos apaixonados de uma infância bem vivida – a do avô Henrique Moura Pinheiro que, como todos os outros homens da família, esperava que Paula tivesse sido o Paulo... e portanto se atreveu a subestimar o facto de ter nascido mulher, tratando-a como igual. Uma vantagem diríamos, que lhe faz sobressair a autonomia, a independência. Também ela uma grande contadora de histórias, veio a ser jornalista com percurso assinalável e faz da RTP a sua casa. Mãe de dois filhos, tal facto não afectou a sua carreira e deu-lhe mesmo outros nexos. Coursou Comunicação Social na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e, desde então, tem sido presença constante em programas ligados à divulgação da cultura no nosso país.

Como é que se sente na posição de entrevistada, tendo feito tantas entrevistas ao longo da sua vida?

É uma situação que conheço já há bastante tempo. Comecei a fazer televisão há cerca de 16 anos quando estreou a SIC. Sou dessa primeira geração de profissionais que nasceram naquela estação emissora. Eu já era jornalista antes, fazia reportagens, entrevistas. Mas, quando comecei a fazer televisão passei para o outro lado, e confesso... sempre foi uma coisa incómoda.

O seu gosto pelos livros, pela leitura, sempre foi uma constante, remete-a para um passado distante?

Eu e a minha irmã passávamos temporadas com os nossos avós. A minha irmã ia para os avós Camilo e eu para os avós Moura, os meus

avós paternos, onde o meu avô Henrique era uma figura central: o meu primeiro grande narrador, embora todos os Mouras sejam bons contadores de histórias. O meu pai era um hilariante contador com imenso sentido de humor. Mas o meu avô, com quem eu tive, como digo, o privilégio de passar grandes pedaços da minha infância era o senhor específico! Lembro-me dele já reformado, fumava três maços de cigarros por dia, sempre a fumar, portanto. Eu cresci envolta... coisa mais politicamente incorrecta não há... numa nuvem de fumo. Bem, era um homem muito engraçado, com um sentido de humor fantástico, de uma irreverência completamente atípica. Era um excêntrico bem-disposto, adorava miúdos e, por conseguinte, dávamo-nos muito bem. Tinha como interesses fundamentais: as Guerras (a Primeira e a Segunda Guerra Mundial), os animais, além das *cowboyadas*, filmes e livros de *cowboys*, que também adoro. Aliás, os primeiros livros que li foram de *cowboys*.

Quando o comum seriam os livros da Anita?

Sim, eu achava graça aos desenhos da Anita, mas não tinha muita paciência. Gostava era das *cowboyadas*. Aí havia história, tensão, duelos e eram de facto grandes filmes. Quantos filmes do John Ford e do John Huston? A RTP passava isso tudo. Lembro-me de ver todos os grandes clássicos (na altura, obviamente não sabia que eram clássicos), a preto e branco, com o meu avô. Foi também ele a primeira pessoa falar-me de Mark Twain. O meu avô era um leitor! Estava sempre a ler. Como lhes digo, partilhava comigo as suas áreas de interesse, dos bichos às guerras, passando pelas *cowboyadas*. Isso foi importante. A imagem que retenho da minha mãe era a estudar. Com franqueza a intimidade que tenho, precoce, com a leitura, não a associo tanto à figura dos meus pais, porque, a atitude de uma pessoa que está a estudar é completamente diferente da atitude de uma pessoa que está a desfrutar da leitura, a começar pela atitude física. A imagem que tenho da mãe é inclinada para a frente, sempre muito organizada, com umas canetas encarnadas, a sublinhar os apontamentos, ao passo que o avô, a fumar, reclinado, era outra atitude! Para mim, o meu leitor é o meu avô! Aquilo é que era bom, porque dali saltavam palancas e saltavam nazis. Aquilo é que eram histórias!

Dava asas à imaginação?

Era. Para mim era muito divertido. Desde muito cedo, as histórias, a leitura, a ficção, os filmes, tudo isto faz parte de uma amálgama deliciosa e é sempre o regresso à infância.

Essa educação também determinou uma curiosidade pelo mundo, fora dos condicionamentos da educação tradicional.

Penso que a curiosidade sobre o mundo é em parte congénita. Mas é também um músculo que pode e deve ser desenvolvido. É sobre o mundo – os seus processos, mecânicas e pessoas – que é suposto os jornalistas trabalharem: narrar com lealdade o que observam. Não estou a falar de objectividade, estou a falar de lealdade. Para este tipo de actividade a curiosidade é fundamental. Gosto de ser jornalista. Muitas vezes as pessoas perguntam-me porque não escrevo um livro de ficção. É a última coisa que me passa pela cabeça. Primeira razão: há livros tão extraordinários à nossa disposição que eu não terei tempo suficiente de vida para ler todas as coisas fantásticas que gostaria – a literatura está tão bem servida que não precisa de outro autor medíocre. Segunda razão: não sinto qualquer necessidade de ficcionar porque estou sempre demasiado absorvida com a vida, que é muito surpreendente. Gosto de consumir boa literatura e de partilhar esse gosto. É um dos prazeres que tenho. Falar sobre os livros de que gosto.

Mas a experiência de apresentar livros na Comunidade de Leitores também lhe deu uma dimensão muito crítica em relação ao que se pode fazer em literatura. É importante ter algum distanciamento...

Essa experiência foi fantástica. As Comunidades de Leitores que o IPLB montou e nas quais me fez participar, não tendo sido, como calculam, tarefa bem paga, foram, para mim, uma experiência riquíssima, sem preço. O conhecimento mais esclarecido da Literatura, do Cinema, da História, seja de que disciplina for, sem a generosidade do gosto e do esforço pela partilha serve de muito pouco ao desenvolvimento de uma sociedade. Ao contrário dos países anglo-saxónicos, Portugal não tem a tradição de ver os seus políticos, os seus especialistas, os seus académicos saírem para a rua, para os media, falarem claro e simples sobre as áreas da sua competência. Mesmo o jornalismo cultural é, demasiadas vezes, muito opaco para o cidadão comum. Há várias explicações para isso: traduzir questões complexas numa linguagem acessível exige muito saber e dá muito trabalho – a boa síntese é difícil. A outra explicação é menos benévola: ser hermético é uma forma de prolongar o estatuto de excepção, de elite, que exclui a maioria. Em qualquer dos casos, é uma pena. Pessoalmente, sempre tive a maior curiosidade e disponibilidade não só para falar com toda a gente como, sobretudo, para ouvir os mais diversos tipos de pessoas. E as Comunidades de Leitores foram uma lição para a vida no que toca à partilha do conhecimento e do pensamento. É espantoso o que se aprende quando se deseja partilhar... Visto de perto, ninguém é normal. Não há pessoas inócuas.

Apenas diferentes?

Todas as pessoas têm segredos, abismos, mistérios, contradições, paradoxos, zonas sublimes e zonas negras... cada um de nós é um mundo, de facto. E não é porque um é analfabeto e o outro doutorado em Oxford que se é mais ou menos complexo – dispõe-se de instrumentos diversos para nos manifestarmos. As comunidades de leitores tornaram-me evidente que há em Portugal imensa gente com uma enorme vontade de saber mais e que os discursos habitualmente praticados sobre as artes e as ideias no espaço público afastam as pessoas. Talvez porque são tão pretensiosos, com palavras tão gongóricas, rocambolescas e rebuscadas. E também porque não se contextualizam as coisas, porque não se expõem os pressupostos sobre aquilo de que se está a falar. Quero dizer, quando se fala da instalação do artista A, talvez conviesse começar por esclarecer, à partida, o que é uma instalação. Ou seja, a comunicação nesta área tem sido pouco democrática e isso tem implicações cívicas e políticas graves. Não fazer um esforço de comunicação com os não-iniciados é, para mim, lamentável sob o ponto de vista estético e imperdoável sob o ponto de vista ético. Caricaturando: a generosidade é mais decente e mais bonita.

Chegar ao outro também...

Traduzir! Se uma pessoa tem séria competência numa determinada área é mais capaz de chegar ao osso da questão e de fazer a boa síntese. Portugal foi durante demasiado tempo, e não estamos só a falar do regime salazarista, mas de séculos, uma sociedade muito pouco permeável à mobilidade social, completamente classista, estupidamente estratificada, uma sociedade de castas onde, evidentemente, o subtexto é o da perpetuação do privilégio. E o privilégio passa também pelo acesso ao conhecimento. O projecto de tornar universal o acesso ao conhecimento é não só muito recente como esbarra nesta tradição secular. Além de que, repetido, para se tornar simples uma coisa que é complexa é preciso trabalhar. Ser simples é o mais difícil do mundo. Sem perder qualidade, é evidente. Não estou a fazer a apologia da infantilização do outro, de deixar cair rigor ou informação pelo caminho, não é nada disso, pelo contrário. O que digo é: há que trabalhar mais para comunicar melhor!

E é isso que tenta fazer? No seu dia-a-dia?

Três vezes... sublinhe, três vezes. Tento sempre fazê-lo com a hiper-consciência de que poucas vezes o consigo. Porque é muito difícil. O meu desejo não é comunicar só com “convertidos”, é conseguir chegar a quem quer que tenha curiosidade por estas questões...

Lembro-me de ter lido noutra entrevista sua que, em Portugal, acontecem muitas coisas em termos culturais, um país em que acontecem tantas coisas...

Nós somos muito melhores do que pensamos que somos! A oferta cultural no nosso país multiplicou-se exponencialmente nos últimos dez anos. Em quantidade e qualidade. No Câmara Clara não temos capacidade para, no espaço de uma hora, noticiar, tratar, debater, mostrar, tudo aquilo que gostaríamos. Normalmente temos dois convidados e sete peças numa hora... é uma loucura. Ao que acresce o problema da escolha, da legitimidade da escolha. No limite, é um jogo injusto. Vejamos: temos sete consultores e cada um deles domina uma área, das artes visuais ao cinema, passando pela música erudita. Cada consultor selecciona em cada semana os acontecimentos que, na sua respectiva área, lhe parecem obrigatórios de cobrir. E é sobre estes “inputs” que eu e o co-editor do Câmara Clara trabalhamos: seleccionamos a partir da selecção dos consultores especializados. Mas fica sempre muita coisa de fora, porque é materialmente impossível cobrir tudo o que seria merecedor de cobertura.

Digamos que o seu gesto é mais o de dar a ver, mostra o leque de possibilidades.

Vejo-me como a porta-voz de uma equipa especializada. É verdade que o alinhamento final dos temas, a construção do guião do programa, as entrevistas em estúdio são da minha exclusiva responsabilidade. Mas aprendo todos os dias com as contribuições dos nossos especialistas e dos agentes culturais com quem estamos sempre em diálogo. Seria absurdo pensar que uma só pessoa podia fazer um programa responsável sobre um leque de matérias tão diversas.

Na educação dos seus filhos alguma vez determinou o que era feminino ou masculino?

De maneira alguma. Não vou condicioná-los. Mas é irónico que ele seja muito “rapaz” e ela muito “rapariga”, no sentido mais convencional. Agora, nunca a minha filha fez a sua cama e ele deixou de fazer a dele.

Falávamos nos resultados recentemente apresentados de um inquérito do ICS em que se aproximavam percentagens de homens e mulheres em relação à divisão de tarefas...

Não, lá em casa as regras são as mesmas para os dois. Rigorosamente as mesmas.

Ontem na conferência do EUROMESC – no C.C.B. registámos a pergunta feita numa das intervenções em que se questionava a legitimidade da intolerância: “é preciso pensar se nós não estamos a tolerar a intolerância?”

Mas é claro que sim. As mulheres são grandes responsáveis pela perpetuação da ordem social que as ostraciza.

Understanding Intolerance ...

A intolerância é intolerável. O que é um paradoxo nos termos, mas de facto creio que há muitos equívocos instalados. Nomeadamente relativamente a uma ideia de multiculturalismo. Detesto a expressão. Penso que arrasta imensos equívocos. Interculturalidade é menos mau do que multiculturalismo... apesar de tudo. Tem conotações diferentes e a questão do multiculturalismo, na verdade, arrasta com muita facilidade os relativismos mais absolutos, onde, em nome do pseudo-respeito pelo outro, diluo completamente aquilo que sou, aquilo em que acredito e sobretudo aquilo que prezo muito, que é a civilização Ocidental. E eu não ponho nisto nenhuma hostilidade relativamente aos outros. Agora, este é o modelo de civilização que eu quero para mim e para os meus filhos. Não aceito que, em nome de multiculturalismos, haja retrocessos, quer seja para a nossa Idade Média, para o século XIX ou sequer para o início do século XX. Não é esse o mundo que quero para os meus filhos.

É uma opção!

É a minha opção. É evidente que tudo isto tem muitas implicações que deixo à consideração de quem as queira fazer. Esta é a minha posição e irrito-me muito com as pseudo-bondades que, no fundo, colocam em perigo as maiores conquistas do nosso mundo, que tem inúmeros defeitos, inúmeras metas a atingir, mas que custou muito a construir e é o menos mau que já conhecemos. Devemos compreender a civilização como a aceitação de tudo? Vamos, então, delapidar mulheres. Vamos extrair clítoris. Vamos compactuar e achar uma diferença legítima que exista uma cultura assente na opressão de mais de metade da população. E as esquerdas todas do nosso mundo? Do nosso lado do mundo?! Tudo isto me faz sentir traída, como mulher e como cidadã. Aliás, é uma das maiores zangas que eu tenho com os partidos, não é com os ideais, mas com os partidos de esquerda: a traição sistemática às mulheres. Em Portugal, por exemplo: há mais mulheres bem colocadas no PSD ou no PP que no PS ou no PC. Ou no BE. É paradoxal, sob o ponto de vista ideológico, mas confere completamente com uma tradição que vem da Revolução Bolchevique e, antes disso, da Revolução Francesa. Na Revolução Francesa foram elas as primeiras a sair para a rua e foram elas as primeiras a ser guilhotinadas nas hostes revolucionárias.

Tem presente o esforço das mulheres em chegarem a lugares de chefia? Qual é a sua experiência a esse respeito?

A minha nomeação para a subdirecção da RTP2 deveu-se ao facto de Jorge Wemans apreciar o meu trabalho. Convidou-me simplesmente por isso. Tínhamo-nos cruzado, pessoalmente, três ou quatro vezes na vida. Nunca tínhamos sequer tomado um café juntos. Há que reconhecer que cada vez mais há áreas onde isso acontece. No universo científico, por exemplo, há mulheres em lugares extraordinários e não têm tantas dificuldades no acesso ao topo porque os resultados são objectivos. Na política é diferente: a política é o mundo da convivência por excelência, onde as competências não são aferidas como deviam. A diferença entre um trabalho de tipo científico e a Assembleia da República é que na A.R. aquilo é tudo tão difuso que mais incompetente, mais competente, as coisas organizam-se, tapam-se, conluam-se. E portanto é possível perpetuar em lugar de decisão pessoas sem mérito. Onde se requer a aferição e onde os resultados têm que ser objectivamente medidos, ganham os melhores. Tenho a certeza absoluta de que o panorama está mesmo a mudar!

Qual a sua opinião a propósito das cotas?

Sou a favor. Quantidade e qualidade. O maior número de estudantes universitárias são mulheres, os melhores alunos são mulheres e há cada vez mais empresários que têm quadros de decisão mulheres.

No caso da Administração Pública, tal não se verifica.

Quem prepara as decisões são as mulheres, são técnicas no topo da carreira. Quem assume as decisões são os cargos políticos, por norma, homens.

O que é que pensa do uso da imagem da mulher na publicidade?

Penso que o mercado, muito naturalmente, se tem encarregue de regular as coisas em relação à publicidade. As mulheres são cada vez mais consumidoras com poder de compra. O que significa que são elas que detêm a decisão de sobre como e onde gastar o dinheiro. Por isso, as imagens publicitárias, cujo único móbil é comercial, é vender o produto, adaptam-se a esta nova realidade e apresentam-nos mulheres autónomas, bem-sucedidas, exigentes, poderosas, realizadas.

O efeito regulador ...

Sim, é espontâneo. Saudável. Sou muito menos pela repressão de determinado tipo de imagens do que pela auto-regulação. Naturalmente

isso está a acontecer. A natureza dos anúncios de automóvel, em que apareciam umas meninas lânguidas, meio-despidas em cima do *Audi*, isso já passou. Já foi. Não tenho ideia de ver qualquer espécie de anúncio de automóvel nos últimos anos tão primitivo como isto. Pelo contrário, o que temos agora é mulheres a conduzir e a controlar as situações. E vemos homens a trocar fraldas e a ajudar a mulher a pôr a louça na máquina. Porque isto é a vida das pessoas e, portanto, a publicidade acompanha-a. E de facto isto resolve-se pelo poder de compra das mulheres.

Sente que tem uma responsabilidade acrescida nas funções que exerce?

Sinto. Tenho uma responsabilidade que não deriva de ser mulher, mas de ter consciência de um determinado tipo de processos e de mecanismos e da experiência que tive até agora na minha vida – tudo isso me obriga a tentar contribuir para que a nossa comunidade seja melhor. É um privilégio poder estar na RTP2. Para já porque é o canal que vi toda a vida e porque é o canal cuja missão...

De eleição...

É de eleição. É como estar dentro daquilo que já era a minha casa, porque a missão da RTP2 tem sido também, em parte, a missão da minha vida profissional e cívica. Coincide. Rigorosamente, a promoção do gosto pelo conhecimento e pelo pensamento. Acredito que, quanto mais sabemos, ou quanto mais consciência temos das coisas, mais responsabilidade temos.

E isso tira-lhe o sono?

Não, primeiro porque não sou masoquista e também porque creio que nós só somos obrigados a fazer o melhor que conseguimos. É o que digo aos meus filhos: não têm que competir com outros, têm que competir consigo próprios. Com o seu melhor. Têm que superar-se a si mesmos. Não é superar o vizinho do lado. Isso é o menos.

O que é que lhe deu mais prazer ter feito?

Tenho alguma dificuldade em responder a isso pela melhor das razões, pois creio que tenho tido imensa sorte. Trabalhei sempre imenso, mas trabalhei sempre imenso em coisas de que gosto muito e em que acredito. Há poucas coisas de que me orgulho, mas não há nada de que me envergonhe. Isso já não é mau.

Há autores que mencionam o facto de nunca se lerem. Acabando o livro, fecham...

Não, não me revejo, não me coleciono. Há uns anos precisei de seleccionar material, para um livro que a D. Quixote quis publicar, e tive de fazer um esforço de memória e ir para a Hemeroteca e para os arquivos dos jornais onde trabalhei à procura dos meus textos... vi-me grega. Não tenho nada arquivado. Não faço isso. Para quê? Pertencço à categoria de pessoas que produzem o efémero e não tenho qualquer espécie de veleidades de outra natureza. Acho simplesmente que sou obrigada a fazer o meu melhor. Mas também é o que me dá prazer. É uma sorte poder ser jornalista. Em querendo, aprende-se imenso... há entrevistas que transformaram a maneira como eu olho para o mundo. Que modificaram a forma como eu era e como eu sou.

Nunca teve dissabores por ser uma mulher corajosa?

Não sei se sou corajosa... Sou mais “esparvoada”, como diria a minha avó.

E isso não lhe trouxe dissabores?

Claro que sim, imensos!